

Atividade Mercosul da Marcha Mundial das Mulheres – uma prática social da educação popular

Líria Ângela Andrioli¹

Mulheres; Geração de trabalho e renda; Movimentos sociais

ST 13 - Gênero e o trabalho de mulheres em grupos formais e informais

Introdução

A reivindicação de valores baseados na solidariedade, igualdade, justiça, liberdade e paz, têm sido um dos propósitos das ações da Marcha Mundial das Mulheres. Nessa perspectiva, este artigo tem como pretensão refletir acerca da experiência educativa construída pelos movimentos sociais da Região Fronteira Noroeste do RS, por ocasião da passagem da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, sendo esta uma das ações da Marcha Mundial das Mulheres, realizada no município de Porto Xavier – RS, em março de 2005. Esta experiência foi protagonizada pelos movimentos sociais, organizando-se a partir de oficinas sobre temáticas diversas, atividades culturais e partilhas de experiências de grupos formais e não formais da economia popular e solidária e teve por objetivo principal contribuir para a igualdade de gênero em todas as esferas sociais.

Contextualizando a Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres – MMM constitui-se como uma ação organizada do movimento feminista internacional na luta pelo fim da pobreza, da violência sexista e por um mundo mais humano e igualitário para homens e mulheres. “A idéia da Marcha Mundial nasceu de uma proposta do movimento de mulheres de Quebec, Canadá, baseada na experiência da Marcha ‘Pão e Rosas’ ocorrida lá mesmo, em junho de 1995” (Coordenação Nacional da Marcha das Mulheres, 2000, p. 4). Na Marcha “Pão e Rosas” participaram inúmeras mulheres que reivindicavam o aumento do salário mínimo, mais direitos sociais e apoio à economia popular e solidária. No entanto, estas ações ganharam visibilidade somente a partir do ano de 2000, desencadeando mobilizações locais, nacionais e internacionais, em prol da igualdade de gênero e pela redistribuição de renda entre os menos favorecidos financeiramente e as classes subalternas, organizando-se a nível mundial para se contrapor ao sistema capitalista vigente.

Com o objetivo de sensibilizar “a sociedade em torno da necessidade de transformações profundas, que a levem de uma situação de pobreza, exclusão e violência até a possibilidade de vida digna para todas as pessoas” (Coordenação Nacional da Marcha das Mulheres, 2000, p. 14), a mobilização da MMM no Brasil, ampliou suas lutas com a realização do Fórum Social Mundial, organizado na sua primeira edição em 2001. Diversos movimentos sociais, populares e sindicais, rurais e urbanos apoiaram a iniciativa da MMM e construíram uma luta conjunta, exigindo o direito à terra, ao trabalho, saúde, educação e por um mundo melhor.

Aos poucos, este movimento ganhou força e legitimidade organizando as mulheres em torno de uma agenda feminista na perspectiva da “construção de um projeto de transformação da sociedade que incorpore uma visão feminista e as mulheres como sujeitos políticos” (Marcha Mundial das Mulheres no Brasil, 2005, p. 1) sendo elas atrizes fundamentais da mudança social.

Em dezembro de 2004, por ocasião do 5^a Encontro Internacional da Marcha realizado em Kigali, Ruanda, dez anos após o genocídio ocorrido naquele país, surgiu a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, com a intenção de servir como instrumento de ação para a luta das mulheres. “A Carta representa um acordo construído entre as coordenações nacionais de 50 países, dentre os quais, 35 presentes em Ruanda” (Marcha Mundial das Mulheres no Brasil, 2005, p. 2).

Neste contexto, o ano de 2005 foi pautado por uma ampla mobilização internacional, organizada em torno da viagem simbólica da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade em 50 países, iniciada no Brasil no Dia Internacional da Mulher e tendo a sua chegada em Burkina Faso, no dia 17 de outubro daquele ano. Além da passagem da Carta foi construída uma imensa colcha de retalhos (representada em ilustrações feitas de retalhos e tecidos costurados em uma colcha), onde cada país representou a partir de simbologia própria o verdadeiro significado da Carta. O percurso começou em São Paulo no dia 08 de março e prosseguiu para o Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina, cidade de Porto Xavier no dia 12 de março de 2005, constituindo-se assim a “Atividade Mercosul da Marcha Mundial das Mulheres”. Este foi um dos pontos de entrada da Carta Mundial das Mulheres no mundo.

Atividade Mercosul da Marcha Mundial das Mulheres como um espaço de educação popular

A experiência construída e vivenciada pelos movimentos sociais da Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul em 2005, desencadeou um importante espaço de educação popular. Esta atividade, organizada a partir de oficinas sobre temáticas diversas, atividades culturais, feira permanente de economia popular e solidária (com representatividade de vários grupos formais e informais de geração de trabalho e renda), gerou um ato político que reforçou a luta em prol de uma nova sociedade com princípios mais justos e igualitários.

Mulheres e homens, identificados com a causa feminista e integrantes dos mais variados movimentos sociais participaram desta atividade, oriundos de diversos municípios da região e dos países vizinhos da Argentina, Paraguai e Uruguai. “O feminismo foi às ruas e falou com a sociedade em geral e movimentos sociais por meio dos valores da Carta” (Boletim da Marcha, 2005, p. 01)

A MMM possibilitou um importante espaço de formação dos sujeitos envolvidos no seu processo de organização, através dos debates e discussões em torno da reivindicação da igualdade de gênero e por melhores condições de vida para todos. Configurando-se como uma prática transformadora de conscientização da sociedade em que vivemos e de construção de uma consciência crítica, este encontro evidenciou o discurso do caráter transformador da educação popular, contribuindo para a mudança social, onde os indivíduos assumem o papel de protagonistas da sua própria história. “Conscientização, participação e organização popular constituem-se, nesse sentido, três termos-chaves de referência, bem como, a constituição de um povo sujeito de seu próprio processo de transformação e de seu próprio projeto histórico” (Torres, 1988, p. 18). Tendo em vista a mudança da realidade em que vivemos, temática esta que permeou constantemente as discussões do encontro, pode-se conceituar a educação popular como sendo um processo coletivo mediante o qual os setores populares chegam a se converter no sujeito histórico, gestor e protagonista de um projeto libertador que encarne seus próprios interesses de classe. Para isso, a educação popular deve-se ver como parte e apoio a um processo coletivo mediante o qual os setores populares, a partir de sua prática social, vão construindo e consolidando sua própria hegemonia ideológica e política, quer dizer, desenvolvendo as condições subjetivas – a consciência política e a organização popular – que lhes tornarão possível a construção de seu próprio projeto histórico (Peresson et al, citados por Torres, 1988, p. 62).

O processo educativo presente em toda Atividade Mercosul da MMM, também esteve pautado pelo discurso democrático da educação popular, buscando “romper com o verticalismo e o autoritarismo (Torres, 1988, p. 19). Isto recebeu destaque através da organização do evento construída num processo coletivo, numa relação pedagógica permeada por meio do diálogo.

Somado a isso, entende-se que este encontro constituiu-se como uma importante prática social e educativa, na tentativa de intervir na realidade, com vistas à sua transformação. Este vem a ser um dos propósitos da educação popular à medida em que contribui para “transformar a realidade social, procurando fazer a construção de uma nova sociedade que responda aos interesses dos setores populares” (Torres, 1988, p. 62) na perspectiva de mudanças de consciências e atitudes, “canalizando seus esforços expressamente ao fortalecimento da organização popular” (Torres, 1988, p. 62).

Percebe-se assim, que a educação acontece nos diversos espaços de convivência de nossas vidas, seja na família, na escola, comunidade em que estamos inseridos ou em uma prática social.

Nesta análise, é fundamental a compreensão de que o conhecimento não está dividido em partes, mas compreende uma totalidade. Ele não se acomoda em uma área específica do saber e também não acontece por via de transmissão. O conhecimento se dá quando há um diálogo entre os saberes. Freire (citado por Torres, 1986, p. 78) sintetiza bem esta afirmação quando destaca que a educação é sempre um ato de conhecimento, qualquer que seja sua marca ideológica, a opção política do educador ou da educadora, individualmente ou num grupo, como classe, como categoria social. Melhor dizendo, não há possibilidade de entender a educação sem perceber que toda situação educativa, formal ou informalmente, é sempre uma situação na qual há um certo objeto de conhecimento a ser conhecido.

Outro aspecto importante a considerar sobre o encontro da MMM, foi a Feira de Economia Popular e Solidária. Esta Feira, organizada pelas cooperativas, movimento de mulheres e sindicatos possibilitou a reflexão sobre o papel da mulher como gestora de empreendimentos de economia popular e solidária, permitindo trocas de experiências e a comercialização dos produtos produzidos pela agricultura familiar na perspectiva de melhorias na vida das mulheres e contribuindo para a igualdade de gênero nas estruturas sociais, econômicas e culturais. Discussões e práticas fortaleceram-se em oposição à forma competitiva de organização, propondo um novo modelo de gestão, baseado nos princípios de cooperação e solidariedade.

A Atividade Mercosul da MMM, com o envolvimento direto dos setores populares demonstrou a organização e a capacidade de mobilização dos movimentos sociais da Região Fronteira Noroeste do RS. Com ousadia e compromisso social as mulheres foram as principais protagonistas desta história e, desde então, deixam cada dia marcas significativas nas suas constantes lutas pela igualdade de gênero e pela transformação da sociedade. A Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, em sua passagem pelo Rio Grande do Sul, especificamente na cidade de Porto Xavier, possibilitou o fortalecimento dos movimentos sociais e contribuiu para desencadear na região um importante espaço de educação popular. Aliado a isso, a Colcha de Retalhos simbolizou a construção internacional da solidariedade feminista.

A continuidade da viagem da Carta ficou sob responsabilidade dos movimentos de mulheres da Argentina e Paraguai, que atravessaram o rio Uruguai e deram prosseguimento às manifestações nos demais países contemplados no roteiro. Também garantiram a mobilização no dia 17 de outubro, por ocasião da chegada da Carta e da Colcha em Burkina Faso. Enquanto isso, no mesmo dia, organizou-se na Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, desta vez na cidade de Cerro Largo, uma atividade simbólica, fazendo parte da corrente de solidariedade e ação feminista a nível mundial. Vale frisar que após desencadeadas as ações da Marcha Mundial das Mulheres no ano de 2000, a cada ano um maior número de mulheres e homens abraçam esta causa, o que vem consolidando cada dia mais as mobilizações locais, nacionais e internacionais.

Referências

BOLETIM DA MARCHA. Secretaria executiva da marcha mundial das mulheres no Brasil. São Paulo: SOF, (33) Abril 2005.

COORDENAÇÃO NACIONAL DA MARCHA DAS MULHERES. Contra a pobreza e a violência sexista. São Paulo: SOF, 2000.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES NO BRASIL. Ações internacionais da marcha mundial das mulheres. São Paulo: SOF, 2005.

TORRES, Rosa Maria. **Discurso e prática em educação popular**. Ijuí: Unijuí, 1988.

_____. Educación popular: um encuentro con Paulo Freire. CECCA/CEDECO, Quito, 1986.

¹ Graduada em Filosofia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí. liriaandrioli@yahoo.com.br Participou do processo de organização da Atividade Mercosul da Marcha Mundial das Mulheres.